



PERFORMANCE (TRANS)FORMISTA: Um estudo de atuação em perspectiva não-binária

Palavras-Chave: ARTE TRANSFORMISTA, PERFORMANCES DE GÊNERO, TEORIAS CUIER

Autores(as):

VÊNUS RAVI TORRES HEYDEN, IA – UNICAMP

Prof^ª. Dr^ª. GINA MARIA MONGE AGUILAR (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A partir de um corpo que foi instruído a performar códigos do gênero feminino quando nasceu, eu, Vênus Ravi Torres Heyden (pessoa não-binária que atende pelos pronomes neutros e masculinos, branca, magra, sem deficiência e de classe média), começo a questionar as amarras a que o “ser mulher” me submeteu. Este estudo emerge da amálgama do pensamento de teóricas feministas e cuier dos séculos XX e XXI, tais quais Simone de Beauvoir, Judith Butler, Paul Preciado, Jota Mombaça, Dodi Leal e Lua Lamberti, articulando reflexões por meio da performance transformista.

As palavras cuier e transformista foram adotadas no intuito de aproximar a pesquisa do contexto brasileiro, e vale citar que ambas possuem equivalentes não-exatos na língua inglesa, sendo eles respectivamente os termos “queer” e “drag”, aquele referindo-se a algo como “estranho”, termo guarda-chuva para diversas identidades da sigla LGBTQIAPN+, e este referindo-se, por sua vez à/ao/ae performer que brinca com padrões e estereótipos de gênero, seja reforçando-os ou friccionando-os. O recorte que proponho dentro da arte transformista é cuier e não-binário, ou seja, critica tanto os códigos atribuídos à feminilidade quanto à masculinidade, de modo a propor ora mesclas, ora rupturas completas ou parciais com ambos. A binariedade do modelo homem/mulher, masculino/feminino, me moveu a entender os mecanismos sociais nos quais se estrutura grande parte do pensamento e imaginário coletivo contemporâneo, mas a intenção é construir uma persona que extrapole e brinque com as infinitas possibilidades que há no entre, mas também no além da norma.

E, a propósito de normas, é preciso frisar que, para além de transformista, a performatividade que procurei construir é também transgênera, tal qual comenta Dodi Leal (2020) em seu artigo “Transgeneridades em Performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas”. Segundo a autora, a “performatividade transgênera (Leal, 2018), ao desvelar os códigos sociais da cisnormatividade do corpo, associa-se à luta anticolonial em suas múltiplas esferas interdependentes: política, econômica, estética e pedagógica”. Assim, não desvinculei esta pesquisa

de tudo aquilo a que meu corpo trans não-binário está submetido, e por isso reforço aqui a tentativa de ser monstruoso no espaço da norma (Mombaça, 2016).

Dito isto, o objetivo geral da pesquisa foi estudar e debater pesquisas contemporâneas sobre as teorias cuier, a partir da construção de uma persona transformista, enquanto os objetivos específicos consistiram em: propor e executar programas performativos simples como gatilho prático de criação ao longo da pesquisa; entrevistar performers transformistas e/ ou transgênero e artistas brasileiras importantes para a história do movimento LGBTQIA+; elaborar e apresentar uma performance transformista e transgênera em espaços cuier ao final da pesquisa; elaborar um relatório final sobre o caminho percorrido na pesquisa. Explanarei, portanto, a submetodologia indisciplinada (MOMBAÇA, 2016), monstruosa e cuier pela qual passei no processo criativo desta pesquisa.

SUBMETODOLOGIA:

“o corpo [...] é ele mesmo um estado transitório, incessantemente redefinido em função dos encontros nos quais não cessa de engajar-se (encontro com os ambientes, com as informações, com os discursos...)” (MOMBAÇA, 2016)

O corpo performativo de Victor Victoria (persona transformista desenvolvida ao longo desta pesquisa) se aproveitou de algumas técnicas metodológicas da área das ciências humanas e das artes para engajar-se em propostas submetodológicas, tensionando os âmbitos do real e do ficcional de modo a expandi-los e fundi-los, tal qual o faz com os códigos de feminilidade e masculinidade.

Primeiramente, me concentrei na leitura de bibliografias pertinentes à área, realizando fichamentos dos textos. Concomitantemente aos fichamentos, que possuem um caráter de extrair informações objetivas do material estudado, me propus à prática performativa autoetnográfica. Performativa porque consistia na reflexão poético-artística acerca das vivências e leituras, e autoetnográfica pois articula-se com o que foi conceituado por Sílvio Matheus Alves Santos:

A autoetnografia é, assim, um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural (Ellis, 2004). Dessa forma, um pesquisador utiliza princípios de autobiografia e da etnografia para fazer e escrever autoetnografia. Como um método, a autoetnografia torna-se tanto processo como produto da pesquisa (Adams; Bochner; Ellis, 2011). (SANTOS, 2017)

A partir de registros pessoais feitos em um “diário de bordo” do processo de criação, permeados por deleites e angústias, descobertas e dúvidas, documentei ao menos uma parte do que a experiência artística permeada pelo sensível foi capaz de abarcar. Exemplifico a seguir com um pequeno trecho datado de 26 de fevereiro de 2023, em que discuto poeticamente o corpo dissidente de gênero como objeto de desejo que passa por uma série de pagamentos identitários:

O desejo que me atravessa está repleto de gênero./ E basta!/ Se o desejo é assim, eu sou raiva.Tenho muito o que explodir, e aqui vou eu./ Renego estes impulsos nojentos que só querem meu corpo se ele for homem ou mulher,/ isto ou aquilo./ Onde está o

desejo pelas coisas inconclusas?/ Incoerentes?/ Inconformes?/ E se estiver próximo a mim?/ Que esteja em primeiro lugar longe/ do binarismo/ que me afoga./ Eu morri binário e já não existo mais./ O que escreve aqui este texto,/ o que grita estas palavras é um nada,/ mais vazio que tudo. [...]

Outra etapa importante foram os laboratórios temáticos. A partir da prática como pesquisa, desenrolo a maior parte dos objetivos:

[...] a performatividade não é primeiramente relacionada a “como mover coisas com palavras” (Austin, 1962), mas sim a “mover e ser movido pelas coisas, pessoas, palavras, lugares etc. Daí a coerência em associar a prática e a pesquisa com a performatividade – compreendida aqui não apenas como linguística, mas como a dinâmica entre movimento e repouso, matéria e energia, que a tudo permeia e constitui. (FERNANDES, 2014)

Ensaaios de repetição, programas performativos e a participação no coletivo Capoeira para Todes e no curso chamado Lab. Drag - Laboratório de Formação em Arte Drag, ministrado por diversas artistas que possuem contato com a arte transformista, tomei contato com alguns aspectos que me permitiram desenhar um pouco melhor a figura de Victor Victoria, persona transformista que crio, recrio e transcrio ao decorrer da pesquisa. Na maquiagem, foram feitos estudos de produtos e cores friccionando formas e possibilidades de rosto e corpo para esta persona. Contornos, pêlos, coberturas e realces foram experimentados tanto quando Victor Victoria saía em pesquisa. Seguem alguns registros:



Fonte: Arquivo pessoal.

Nos laboratórios de performance vogue, frequentei treinos do coletivo Capoeira para Todes na cidade de Campinas e pude aprender alguns elementos básicos da dança, como as técnicas de *hands performance*, *spin*, *dip*, *catwalk* e *duckwalk*. Todas estas técnicas estão atreladas à contação de histórias sobre as travestis ancestrais que foram fundamentais para a resistência LGBTQIAPN+ e que muitas vezes foram sistematicamente assassinadas, mas deixaram um legado. Foi um procedimento de muita relevância para o desenvolvimento de uma performatividade transgênera juntamente à figura

de Victor Victoria. Além disso, estudos de dublagem também foram realizados em decorrência do curso de formação em arte drag, o Lab. Drag, realizado em abril de 2023. Como resultado destes estudos, realizei uma performance online dublando a música G.U.Y., de Lady Gaga, no Cabaré Lab. Drag, exibido em transmissão ao vivo pelo YouTube. Por primeiro vislumbrei neste evento algumas das potências de Victor, tal qual Lua Lamberti coloca em 2019 no artigo “Pintando bocas monstros por meio da pe-drag-ogia”, em que diz sobre alguns dos compromissos de performer transformista: “Os lábios, a boca, o batom. O que grita, e fala, e canta, e chama, e come, e devora, e regurgita, e sorri, e gargalha, e morde, e assopra, e chupa, e baba, e tosse, e sangra, e rasga, e tritura, e deglute, e corrói, e umedece, e resseca, e sente, e causa, e ensina”.

As etapas de entrevista e elaboração de relatório final ainda estão em processo de execução, e consistem em respectivamente conhecer um pouco mais sobre profissionais que já atuam na área de estudo da pesquisa, possibilitando contato com referências vivas que atualizam os saberes acerca da performance transformista e de gênero e das teorias cuier; e em refletir e pontuar as descobertas mais importantes sobre os processos criativos e investigativos que se deram ao longo desta iniciação científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Inicialmente, esta pesquisa estava carregada de dúvidas e agora percebo que essas dúvidas se transformaram. Havia construído um ideal de arte transformista a partir do contato que tivera com ela antes de debruçar-me nos estudos, e deste modo, tomando contato na prática e na teoria, vejo que existe um campo de atuação infinitamente mais amplo do que eu poderia imaginar. Tomar conhecimento da pesquisa de Lua Lamberti acerca da pe-drag-ogia e de como ser transformista está para além de performar gêneros em seus estereótipos foi impressionantemente revelador. Há muito mais para além da performance com dublagens e esquetes cômicas no mascaramento transformista. Há um quê de transformar-se para transformar o mundo, os binarismos, as identidades fixas. Há uma necessidade de colocar-se politicamente enquanto o monstro que desejei criar.

Como exemplo deste movimento, posso citar o quanto a escrita me deslocou na pesquisa. Eu possuía como objetivo desenvolvê-la de modo a retroalimentar os estudos teóricos, mas para além disto, encontro nela uma ferramenta artística criativa. Victor Victoria se manifesta através da escrita, e gosta muito de escrever cartas para sua família que mora longe. Victor é ficção, mas também é criador de ficções, assim como Vênus Ravi é pesquisador das artes da presença e, ao presentificar-se em Victor, expande as possibilidades de real e fictício, friccionando-as e evidenciando novas formas de ser e estar no mundo, que independem do masculino e do feminino desde o início postos em xeque.

Sendo assim, posso afirmar que a performance transformista e transgênera à qual me propus ao longo desta pesquisa segue em curso e em movimento, pôde entender-se pedagógica e necessária para a (des)construção do conceito de gênero e contribui artisticamente para o diálogo iniciado na

discussão de tantos autores sobre as teorias cuier. Reconheço que estamos atualizando, no aqui e agora, aquilo que nossos ancestrais começaram a construir. É o passado e o futuro numa tecnologia sendo produzida e compartilhada no presente. Em coletividade e individualidade.

CONCLUSÕES:

Victor Victoria é uma figura em movimento. Seus traços são riscados e apagados num corpo não-binário a todo o tempo, sendo que este mesmo corpo também possui suas linhas e vetores de força e vulnerabilidade. Há espaços e buracos em ambos, feridas e cicatrizes, cores e sabores que ambos vivenciam com o vigor de suas artes. Há também espaços nos quais ambos não querem transitar juntos, é verdade. Algumas dores, Vênus não entenderá, outras Victor será incapaz de tatear. Vênus é ume, Victor é outre, ume é Victor, outre é Vênus. São juntas algo, certamente. Algo pós-binário, diriam ambos. Algo ou alguém, humano-monstro que se reinventa a cada segundo.

A Victor foi revelado que nem tudo a arte cura, nem sempre o sofrimento tem solução, e por isso, no momento em que se redije este texto, ele sente muitas saudades de sua amada, ao passo que não vê a hora de conhecer algum garanhão no próximo *kunt*. Ao passo que, ainda neste mesmo momento, Vênus deve estar se remexendo numa cadeira, enquanto seus dedos tremem por sobre um teclado, ansioso por levantar e começar a expurgar toda cisheteronorma dando corpo àquele que gosta mesmo é de sofrer bailando por aí.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, L. L.; MAIO, E. R.; PARPINELLI, R. S. **Pintando bocas monstras por meio da pe-drag-ogia**. ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4, número 7, Janeiro – Junho de 2019.

FERNANDES, Ciane. **A Prática como Pesquisa e a Abordagem SomáticoPerformativa**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Professor Associado IV. CNPq; Bolsista Produtividade em Pesquisa 1C.

LEAL, D.; ROSA, A. **Transgeneridades em Performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e97755, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2237-266097755>>.

MOMBAÇA, Jota. **Rastros de uma submetodologia indisciplinada**. concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.